

de comprimento e 28,8 cm de altura. Os olhos são duas concavidades circulares; o nariz um ressalto vertical e a boca uma concavidade longitudinal. Não há o menor sinal da tentativa de representação das sobranceiras, pálpebras ou outro pormenor.

Sem pretendermos fazer aqui um exaustivo e completo estudo comparativo, diremos apenas que a cabeça de a «Cerca» é semelhante às três do castro de Yecla de Yeltes, Salamanca (2) a propósito das quais diz Martín Valls (3) o seguinte: «A cronologia das cabeças de pedra, procedentes dos castros ocidentais e sobretudo do Noroeste, é muito difícil de fixar, porque até agora aparecem fora de um contexto arqueológico preciso. O mesmo ocorre com as esculturas zoomórficas da Meseta e do Noroeste — estas mais tardias no seu começo — cujo horizonte cronológico é muito amplo, abarcando desde a segunda Idade do Ferro até à época romana» (p. 90).

LUÍS FILIPE C. GOMES

Soc. Portuguesa de Antropologia e Etnologia

(2) Blásquez, J. M. — «Cabezas célticas inéditas del castro de Yecla, Salamanca», *VII CNArq.*, Barcelona, 1960, Zaragoza, 1962, pp. 217-226

(3) Martín Valls, R. — «Insculturas del castro salmantino de Yecla de Yeltes: Nuevos hallazgos y problemas cronológicos», *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, vol. XXXIX, Valladolid, 1973, pp. 81-103.

Ficheiro Epigráfico — Uma experiência em curso em Portugal (*)

Ficheiro Epigráfico (=FE) nasce, em 1982, por um imperativo científico e com uma finalidade pedagógica.

Do ponto de vista científico: sente-se, um pouco por toda a parte, a necessidade de pôr à disposição do mundo científico, o mais rápida e correctamente possível, os novos documentos aparecidos. E se isso é importante em todos os domínios da ciência histórica, é-o muito mais no âmbito da Epigrafia, onde o achamento de novas epígrafes se torna cada vez mais frequente, vindo complementar, esclarecer e — quantas vezes! — alterar por completo os conhecimentos dados como definitivamente adquiridos até esse momento.

Importava, pois, que, numa zona como a Península Ibérica onde novos monumentos epigráficos se descobrem praticamente todas as semanas — que o diga a equipa que está a preparar o novo CIL II! —, se diminuísse muito o tempo que habitualmente medeia entre o achamento de uma peça e o seu estudo e publicação.

O FE surge, efectivamente, para colmatar essa lacuna, sendo dedicado exclusivamente à publicação de inscrições romanas e paleocristãs da Península Ibérica.

(*) Comunicação apresentada, em Setembro de 1987, ao IX Congresso Internacional de Epigrafia Grega e Latina, realizado em Sófia. A sua versão definitiva e actualizada data de Março de 1988.

Do ponto de vista pedagógico: o estudante de Epigrafia é normalmente convidado a fazer, de imediato, alguma investigação. Não raro, os nossos estudantes encontram monumentos inéditos, que estudam. De um modo geral, esses trabalhos de pesquisa — alguns deles com muito mérito — perdem-se após o exame final ou ficam a jazer nas prateleiras da biblioteca da Faculdade. Pensámos que urgia recuperar esses trabalhos e dar-lhes a divulgação merecida. Daí que, de entre os autores dos 117 artigos publicados até ao fascículo 25 (princípios de 1988), contemos com nada menos do que 69 estudantes ou recém-licenciados, a maior parte dos quais viu aqui publicado pela primeira vez um seu trabalho de índole científica.

Adoptámos, por conseguinte, um esquema de ficha muito prático, de numeração contínua, em que se privilegiou a indicação rigorosa do contexto arqueológico em que a peça foi encontrada; a descrição exaustiva, a leitura cautelosa, o comentário paleográfico desenvolvido. Tudo isto acompanhado por uma boa fotografia do monumento.

O comentário histórico deverá cingir-se a breve apontamento que assinale os dados mais importantes da epígrafe e aponte as pistas de investigação histórica que o novo monumento sugere. Preconiza-se que um comentário histórico mais alargado se reserve para artigos de maior fôlego a inserir em revistas com outras características.

De facto — e respondemos, assim, a uma objecção feita — a função do FE é dar a conhecer rapidamente um monumento epigráfico e a sua importância. Tal não impede, porém, que o seu autor prepare simultaneamente esse outro trabalho mais desenvolvido em que aborde amplamente os aspectos de integração histórica do monumento estudado.

Esse foi, aliás, o critério por nós adoptado em relação a dois casos que reputávamos de interesse:

Um foi o monumento de Porto de Mós (*conventus Scallabitanus*) — *Cabur/ae . Pu/ci . FIO . I* — dado a conhecer por José Beza Moreira (FE 81) menos de um ano após a sua descoberta e cujas invulgares características (tipológicas, decorativas e textuais) justificaram que sobre ele fizéssemos, no Congresso Peninsular de História Antiga (Santiago de Compostela, Espanha, Julho 1986), uma comunicação conjunta a pôr justamente em relevo esses aspectos fora do comum (cf. *Actas III 1988 5-10*).

Outro foi a estela de Castro Verde (*conventus Pacensis*) — *L. Sagaius / Maxumi . f. / h. s. e. s. t. t. l.* — publicada por nós em 1986 (FE 82), poucos meses após ter sido recolhida pelo Serviço Regional de Arqueologia do Sul, e cujo comentário histórico alargado, designadamente no que concerne ao antropónimo *Sagaius*, um *hapax* epigráfico, fizemos (em Janeiro de 1986) na comunicação ao I Encontro de Arqueologia da Região de Beja (cf. «Arquivo de Beja» II s. 3 1986 133-140).

Para nós, porém, a prova mais sintomática do interesse da iniciativa fica ilustrada com o caso da epígrafe *Augus . et / Hermes . deae / magistri / donum* (FE 24 = AE 1983 470).

Achada a 23 de Janeiro de 1983, em Talaíde (freguesia de S. Domingos de Rana, concelho de Cascais), foi dada a conhecer no primeiro semestre desse mesmo ano (fascículo 6), o que permitiu a J. Alvar discutir de imediato (in AEA 56 1983 123-130 = AE 1984 476) a possibilidade de estarmos perante o «possível testemunho de culto a Cíbele», hipótese que acabámos por rebater no IV Colóquio de Linguas

y Culturas Paleohispánicas, realizado em Vitória (Espanha), em Maio de 1985, onde apresentámos, a este propósito, a comunicação *Omissão dos teónimos em inscrições votivas* («Veleia» 2-3 1985-1986 305-310).

Se acrescentarmos a estes casos a circunstância de, neste curto espaço de cinco anos, termos dado a conhecer inúmeros antropónimos novos, sobretudo pré-romanos — *Statulicus, Coilicus, Burrillus, Langon, Melamanus...* —, diversos teónimos indígenas desconhecidos (*Laepus, Cuseus Paetaicus, Triborunnis...*) e novos epítetos de outros já conhecidos (*Arentia Equotallaicensis...*); bem como o facto de, após cada série de dez fascículos, se inserirem índices epigráficos exaustivos — teremos uma ideia mais cabal do interesse científico da iniciativa.

*
* *
*

Quando pensámos na publicação do FE, indicámos que a sua periodicidade dependeria do número de inscrições inéditas que chegassem ao nosso conhecimento. Críamos que, na melhor das hipóteses, teríamos um ou dois fascículos por ano, ou seja, um total de cinco a doze inscrições inéditas descobertas anualmente. Esta expectativa ficou completamente lograda: logo em 1982, publicámos quatro fascículos; em 1983, dois; em 1984, quatro; em 1985, cinco; e em 1986, cinco também. O que significa que já perfizemos duas séries, com os respectivos índices, num total de cem inscrições estudadas. E, em 1987, publicaram-se quatro fascículos num total de vinte textos inéditos; e temos já em preparação dez inscrições para os fascículos de 1988, de que o primeiro fascículo (n.º 25) saiu logo em Março.

O problema fundamental, neste momento, reside — como é óbvio — na possibilidade de os editores — Manuela Alves Dias, da Faculdade de Letras de Lisboa, e eu próprio, do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra — obterem o oportuno financiamento para prosseguir. Até agora, as entidades culturais portuguesas (Instituto Nacional de Investigação Científica, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica), a Fundação Calouste Gulbenkian, o Instituto Português do Património Cultural (através dos seus Serviços Regionais), algumas Câmaras Municipais e a própria Faculdade não nos têm regateado o apoio.

FE mantém-se como suplemento da revista «Conimbriga» (editada pelo Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra) e tem sido enviado — sem mais encargos — a todas as revistas com que «Conimbriga» detém actualmente um regime de permuta. Pensamos que é este um serviço importante que prestamos e que queremos continuar a prestar à ciência epigráfica internacional. Estamos certos também que, atendendo a esse facto, as entidades e os epigrafistas continuem a enviar-nos, em permuta, as suas publicações: o enriquecimento da biblioteca do Instituto de Arqueologia será uma forma de compensar o trabalho que estamos a desenvolver.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra